

Imaginários Sociotécnicos e Organizacionais: distopias contemporâneas sobre o trabalho na série Rupturas¹

Polyana Inácio Rezende Silva²

PUC Minas

RESUMO

Este trabalho apresenta uma investigação exploratória das interações sobre as duas temporadas da série Ruptura (2022; 2025) em conteúdos na internet e em mídias sociais, para analisar como essa repercussão evidencia imaginários sociotécnicos (Jasanoff; Kim, 2015) sobre o trabalho nas organizações contemporâneas. Tomadas como agentes políticos (Winner, 2017), complexos (Baldissera, 2010), reveladoras da de sentidos negociados nas interações (Oliveira, 2009), as organizações são investigadas na perspectiva dos Estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS/STS). Com base em uma análise descritiva e comparativa, a metodologia traça uma adaptação do método análise de conteúdo em Bardin (2016) e Franco (2008). Os resultados revelam ambientes orientados à alta produtividade, produção de vulnerabilidades (Crary, 2016) e uso de tecnologias de vigilância (Cesarino, 2023; Amadeu 2021).

PALAVRAS-CHAVE

comunicação organizacional; série ruptura; trabalho; estudos da ciência e tecnologia (cts/sts); imaginários sociotécnicos.

INTRODUÇÃO

Ruptura (*Severance*) (2022;2025), exibida no *streaming* da Apple TV+ é uma série de televisão estadunidense categorizada entre os gêneros *thriller* psicológico e ficção científica. Ela conta a história de cinco funcionários da empresa Lumon. Eles se submetem ao experimento de dividir suas memórias. No ambiente de trabalho, eles acessarão as memórias relacionadas às suas funções. Fora dali, eles não se lembram de nada do que acontece na empresa. Assim, a série possibilita traçar uma investigação exploratória a partir do debate em torno das duas temporadas da série Ruptura (2022; 2025).

O imaginário contido neste primeiro argumento da obra é parte da experiência

¹ Trabalho apresentado no GP RP e Comunicação Organizacional, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social e Sociabilidade, Professora na Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, membro do grupo Dialorg (@dialorg_ppgcompucminas), e-mail: polyanainacio@gmail.com /polyana@pucminas.br.

de ser, estar e trabalhar nas organizações contemporâneas. Este conceito emerge pois seguimos com a “forte presença de histórias que no cotidiano revela um papel que está para além do entreter” pois aciona “o inconsciente coletivo e o imaginário” das pessoas (Nóbrega, 2023. p.15).

As organizações podem atuar como agentes propulsores de imaginários sociotécnicos (Jasanoff e Kim, 2009), sobretudo pela perspectiva dos Estudos da Ciência e Tecnologia (CTS/STS). Isso implica em considerar o potencial político destas agentes na produção/circulação de sentidos sobre a realidade dos profissionais nas empresas. Algo propagado nas interações e conteúdos sobre Ruptura.

Neste sentido, a questão que se coloca é: de que modo os imaginários sociotécnicos em torno de Ruptura revelam dilemas típicos sobre o trabalho nas organizações contemporâneas? Os resultados da investigação são parte de uma pesquisa em curso com alunos de graduação no curso de Relações Públicas, e permitem traçar um contraponto entre a série, a pressão por produtividade e uma gestão pautada em projetos (Gaulejac, 2017) na qual vigora um clima de alta performance, que produz vulnerabilidades em meio às tecnologias de vigilância. Neste contexto os imaginários sociotécnicos são também organizacionais, e trazem pistas para se pensar a realidade dos profissionais nas organizações contemporâneas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: IMAGINÁRIOS SOCIOTÉCNICOS E INTERAÇÕES ORGANIZACIONAIS

Para Jasanoff e Kim (2015), os imaginários sociotécnicos são “visões coletivamente sustentadas”, ancoradas por ações de coprodução. Elas possuem quatro fases de: (1) os imaginários são fundamentados nas ideias; (2) elas são ou não incorporadas pelos agentes; 3) pode haver impedimentos/resistência; 4) essa resistência pode ser material ou imaterial. (Jasanoff; Kim, 2015, p. 321).

A realidade de trabalho na Sociedade do Cansaço (HAN, 2017) também pode ser apreendida por ações de coprodução e construção de uma análise crítica “dos processos de produção, distribuição e consumo textual” (Ribeiro et. al., 2010, p.1). Estas ações revelam disputas de poder em torno do discurso

nas interações organizacionais.

As práticas discursivas organizacionais se interligam à realidade social na medida em que se articulam e representam ambiências materiais/imateriais relacionadas às organizações. Vistas primeira como espaços complexos (Baldissera, 2009), na perspectiva dos Estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS/STS)³, as organizações ainda apresentam interações negociadas (Oliveira, 2009). Deste modo, os imaginários sociotécnicos também possuem contornos organizacionais.

As lógicas neoliberais e as lógicas estratégicas do capitalismo (Crary, 2016) suscitam questões relacionadas à precarização do indivíduo em promessas de inovação e modelos de gestão por projetos (Gaulejac, 2007). Isto ocorre como uma “materialização da ideologia do progresso nos ambientes relacionais das organizações modernas” (Mafra, 2023, p. 1).

Tais processos afetam a sociabilidade tornando-se outro elemento importante para se tecer uma abordagem crítica à realidade dos profissionais. Ou seja, em um cenário em que os artefatos tecnológicos confrontam a ideia de neutralidade, evolução tecnológica e as dimensões políticas (WINNER, 1986), as organizações estabelecem modos de existência que demandam uma revisão contínua por parte das pessoas.

TRABALHO E PODER NA SÉRIE RUPTURAS: DISTOPIA?

Ao implementar o procedimento chamado "ruptura", que divide as memórias dos funcionários entre sua vida profissional e pessoal, são criadas duas identidades para os personagens em Ruptura (2022, 2025). A identidade “*innie*” existe no trabalho e a “*outie*” desconhece a vida no trabalho.

O protagonista, Mark Scout é um dos funcionários submetidos à ruptura. Ele trabalha no setor de Refinamento de Macrodados, onde, junto com seus colegas, realiza tarefas repetitivas na frente de um computador. Inicialmente, ele aceita essa divisão como forma de lidar com traumas pessoais, mas a visão

³ Conforme Dalben (2018, p.18) Existem dois significados para a sigla STS, que pode ser traduzida tanto como Science and Technology Studies quanto como *Science, Technology & Society*. Inicialmente, estes dois significados representavam uma divisão deste campo, sendo o primeiro STS um grupo filosófico mais radical preocupado em compreender a ciência e a tecnologia como atividades discursivas, sociais e materiais, e o segundo STS dedicado a refletir sobre as questões sociais que emergem deste desenvolvimento. Mas Sismondo (2010) defende que a expansão dos estudos de STS ao longo dos anos acabou por tornar as diferenças entre estes dois grupos cada vez menores. (Sismondo, 2010, p. 8). Na América Latina, este campo de estudos é identificado por pelo menos duas diferentes perspectivas: Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia (ESCT).

de Mark e do restante da equipe muda com a chegada da personagem Helly Riggs. Ela rejeita a cultura organizacional vigente pois a ideia da ruptura é desesperadora para ela.

Os questionamentos dos personagens os levam a encontrar respostas sobre a verdadeira natureza e propósito da Lumon. Segundo Ladeira (2024, p.15), a Lumon apresenta “uma estrutura organizacional semelhante à encontrada em corporações reais” e “utiliza uma combinação de comunicação institucional, mercadológica, interna e administrativa, além de estratégias de endomarketing e manutenção da cultura e clima organizacional.” Ruptura revela “práticas questionáveis, como mentiras, assédios morais e psicológicos” (idem) que compõem a complexidade das organizações.

Segundo Leal (2022, p.49) Ruptura retrata um contexto pós-pandêmico, em que as pessoas se questionam “o sentido da vida e a sua posição nos processos de trabalho.” Neste sentido, quando a série apresenta uma realidade de trabalho que não dialoga com outras dimensões da vida, o espectador se identifica com certos aspectos alienantes ou com a frustração de vender um tempo da vida para organizações nas quais há sobrecarga, adoecimento mental, solidão e desconexão com as demais esferas que nos conectam à nós mesmos.

PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico deste trabalho é de natureza qualitativa e exploratória. Entre janeiro e março de 2025, a composição do corpus empírico associou-se à etapa de pesquisa bibliográfica sobre Imaginários Sociotécnicos no campo do CTS/STS e e perspectivas do trabalho na Comunicação Organizacional. Com o aporte metodológico da análise de conteúdo (Bardin, 2016; Franco, 2008), tornou-se possível organizar duas fases de coleta de notícias e conteúdos.

Na primeira etapa, realizada entre janeiro e fevereiro de 2025 a coleta de conteúdos em buscadores do Google ou nas plataformas Instagram e Tik Tok foram parametrizadas inicialmente com os textos: “Série Ruptura”, “Ruptura 2a temporada”, “Ruptura” e apontaram para hashtags com textos semelhantes: #Ruptura, #severance, #Séries #AppleTV #Streaming #TV #Televisão #Entretenimento.

Em uma segunda etapa, realizada em março, foram utilizadas as seguintes

fontes e ferramentas: 1) Ferramentas Google para monitoramento e coleta semanal de notícias/palavras-chave/cases a partir do Google Alerts. A aplicação envia e-mails com resultados sobre os termos-chave informados para pesquisa na internet. 2) Newsletter Think with Google com conteúdos especiais sobre trabalho no contexto organizacional vigente.

Os conteúdos sobre Ruptura repercutem os imaginários presentes nos conteúdos e interações nas mídias sociais, sobretudo a partir de textos, imagens, palavras-chave, comentários e opinativos em torno da série, em um corpus com 344 links até março de 2025. Estes temas e impressões repercutiram mais sobre a segunda temporada, lançada em janeiro de 2025 depois de um intervalo de dois anos entre elas.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA, CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este trabalho contribui para discussões em torno de processos relacionados aos espaços de trabalho, no contexto do relacionamento entre públicos e organizações. A investigação exploratória da série Ruptura (2022; 2025) demonstra sobre a atualidade desta discussão pertinente às organizações contemporâneas, e de modo a analisar de que modo este produto cultural revela imaginários sociotécnicos sobre as relações de trabalho e poder das/nas organizações contemporâneas.

Neste contexto, há um reforço de que a Comunicação Organizacional dialoga com outras áreas de conhecimento e de que na perspectiva dos Estudos da Ciência e Tecnologia (CTS/STS) elas podem ser situadas como agentes propulsores de imaginários sociotécnicos. Isso implica em considerar o potencial político destes agentes coletivos da produção/circulação de práticas discursivas, interações e conteúdos sobre a série produzidos pela imprensa especializada e por perfis nas mídias sociais.

Com o objetivo de discutir tais resultados preliminares refletem parte de uma pesquisa de pós-doutoramento em curso, e dialoga com questões e crises em torno da relação com o trabalho na contemporaneidade. Os pontos levantados sobre Ruptura refletem aspectos relacionados aos dilemas organizacionais e profissionais contidos em ambientes orientados pela pressão da produtividade,

produção de vulnerabilidades, exigência por alta performance e tecnologias de vigilância. Os resultados do trabalho traçam um contraponto entre a experiência nas organizações, por meio dos conteúdos coletados, e os elementos de Ruptura, com o objetivo de colocar em perspectiva a comunicação na/para a uma sociedade nas quais os modos de existência articulam o ambiente interno e externo das instituições no cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, H. A.; AQUILINO, L. N. **Trabalho e alienação ao longo da história: o papel da redução da jornada e a crítica na série 'Ruptura'**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 15, p. e151519, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1519. Disponível em: <<https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1519>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

BALDISSERA, R. **Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação**. In: KUNSCH, Margarida M. K. A Comunicação como fator de humanização das organizações. São Caetano do Sul -SP: Difusão Editora, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CESARINO, Leticia. **O mundo do avesso - verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono: Jonathan Crary**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

FURTADO, Silvia Dal Ben. **Cartografando O Jornalismo Automatizado: Redes Sociotécnicas E Incertezas Na Redação De Notícias Por “Robôs”**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.ppgcom.fafich.ufmg.br/defesas/494M.PDF>>. Acesso em: 16 mai. 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Giachini, Enio Paulo. 2. 2017. Vozes, Petrópolis: 128 GENEROSO, Isaura Mourão. **Comunicação Organizacional: saber e prática-discursiva: uma compreensão inspirada em Michel Foucault**. Editora Appris, Curitiba, 1ª edição, 2023.

GAULEJAC, Vincent – **Gestão como doença social**. Editora Letras, São Paulo 2007.

LADEIRA, Amanda Moreira. Comunicação e a criação de um clima organizacional favorável: uma análise de “Ruptura”. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/24824>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

LEAL, Rafael Mendes. **Subjetividade Contemporânea Na Série Ruptura: A Busca E A Disputa De Sentidos Nos Ambientes Organizacionais Modernos**. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, comorequisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Disponível em: <https://www.jornalismo.ufv.br/wp-content/uploads/2023/01/Rafael-Mendes-Leal.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2025.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. **Comunicação interna como encruzilhada biopolítica: historicidades, latência e melancolia**. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/43025/28172>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. **Objetos de estudo da Comunicação Organizacional e das Relações Públicas: um quadro conceitual**. Organicom: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, São Paulo, v. 6, n. 10-11, p. 57-63, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139004>>. Acesso em: 18 mai. 2025.

WINNER, Langdom. **Artefatos têm Política?**. ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol 21 nº 2, 2017, p. 195-218. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139004>>. Acesso em: 18 mai. 2025.

JASANOFF, Sheila; KIM, Sang-Hyun. **Dreamscapes of modernity: Sociotechnical imaginaries and the fabrication of power**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.